

PATRIMÔNIO E MEMÓRIA EM UMA VILA ALENTEJANA: ENTREVISTA COM CLÁUDIO TORRES

Tobias Vilhena de Moraes¹

Cláudio Torres²

SOBRE O ENTREVISTADO

Cláudio Figueiredo Torres, nascido em 1939, é o fundador e diretor do Campo Arqueológico de Mértola, em Portugal.

Arqueólogo e Historiador da Arte, além de ter inúmeras publicações sobre arte islâmica no Ocidente Andaluz e História Medieval, tem atuado como professor e colaborador científico em dezenas de instituições portuguesas e internacionais, dentre elas: Universidade de Coimbra, Universidade de Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, etc.

Foi ainda fundador da revista portuguesa “Arqueologia Medieval” e consultor científico da Exposição itinerante “Memórias Árabo-Islâmicas em Portugal” organizada pela Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses.

Por fim, foi presidente da Comissão Nacional Portuguesa dos Monumentos e Sítios (ICOMOS), além de representante de Portugal no Comitê do Patrimônio Mundial da UNESCO.

¹ Historiador do Instituto Brasileiro de Museus/ Museu Lasar Segall-SP. Pesquisador Colaborador IFCH-UNICAMP. Email: tovilhena@yahoo.com.br. <https://orcid.org/0000-0002-8251-8043>.

² Arqueólogo e Historiador da Arte. Campo Arqueológico de Mértola/ Portugal. Email: torresclaudio@sapo.pt

Em 1991, foi galhardeado com o Prêmio Pessoa e, posteriormente, em 1993, ganhou a Grã-Cruz da Ordem do Infante Dom Henrique.

Sua trajetória trouxe inúmeros aportes para refletirmos sobre as relações através da história entre o mundo ocidental clássico e o mundo islâmico.

Hoje, o Museu de Mértola recebe seu nome.

CLÁUDIO TORRES EM SEU CONTEXTO

Em Mértola, uma pequena vila localizada no sul de Portugal, na região alentejana, entre os anos de 1978 e 1980, ocorreram escavações com a participação de jovens da própria comunidade. O principal objetivo temático destes trabalhos era aprofundar o conhecimento sobre os sítios arqueológicos relacionados ao período islâmico na Península ibérica.

Esta perspectiva contrastava fulcralmente com as pesquisas de arqueologia e de história arte que até então, em Portugal, tinham como foco principal o mundo cristão do período das navegações (ALMEIDA, 1974, 1973 e 1960; FABIÃO, 1999; MACIAS, TORRES 2001; MARTÍNEZ, 2003; TORRES, 2009; PALMA, 2012).

O projeto iniciou quando o prefeito de Mértola Serrão Martins convidou o pesquisador Cláudio Torres, seu antigo professor da Universidade Letras de Lisboa (e recém-chegado do exílio, após a ditadura salazarista) para realizar escavações arqueológicas naquele povoado.



Figura 1 – Cidade de Mértola, 2015. Foto: Susana Gómez

Se no início os projetos assumiram um caráter mais voluntário e sazonal, posteriormente nas décadas de 1980 e 1990 surgiram associações e grupos que fomentariam e atuariam na preservação do patrimônio daquele pequeno município alentejano (Figura 1). Dentre elas merece destaque a Associação de Defesa do Patrimônio de Mértola (ADPM), sob os auspícios do Partido Comunista Português (TORRES, 2001).

Aquela associação tinha como princípio inventariar, estudar, defender e valorizar o patrimônio. Como método de trabalho a multidisciplinariedade foi posta em prática com a constante presença de historiadores, arquitetos, arqueólogos, museólogos e biólogos nos projetos (MACIAS, TORRES, 2001; TORRES, 2009).

As pesquisas, as ações de salvaguarda e práticas educativas foram de vital importância para a valorização do patrimônio cultural de Mértola ao longo dos anos. Por sua vez, o fortalecimento de um sistema de parceria entre moradores e agentes públicos ajudaram na continuidade dos projetos de gestão do patrimônio arqueológico não só no município como em várias outras vilas da região (MACIAS, TORRES, 2001; TORRES, 2009; PALMA, 2012).

Um novo olhar - que integrava a diversidade da cultura alentejana ao cotidiano de sua população- se consolidou, estabelecendo uma verdadeira rede de solidariedade patrimonial.

A seguir, apresentaremos uma entrevista realizada com Cláudio Torres, o emblemático diretor do projeto e uma das figuras mais importantes na luta contra a ditadura salazarista, além de um intelectual ativo no processo de redemocratização portuguesa.

(ENTREVISTA CONCEDIDA EM 14/06/2013)³

Tobias Vilhena: Então, boa tarde, hoje estou aqui em Mértola, dia 14 de Junho de 2013 com o professor arqueólogo de Mértola Cláudio Torres. Boa tarde Cláudio! Então, vamos começar a entrevista. Eu gostaria que você desse, pelo menos, um breve relato da tua formação inicial na área de arqueologia: como começou, por que é que vocês se interessou por arqueologia, o que te levou para seguir resta carreira.

³ Um primeiro esboço desta entrevista foi apresentado em anexo de minha tese de doutorado. Aqui publicamos, em primeira mão, a versão final dela. Foram excluídos repetições e corrigidos erros de grafia o que torna a leitura correta e fluida.

Cláudio Torres: Bem, principalmente objetos políticos até porque com arqueologia nós estamos a descobrir, e cada vez é mais claro, a arqueologia habitualmente contradiz a informação histórica-livresca, contradiz, é o seu oposto. Principalmente a arqueologia dá-nos uma informação não escrita, uma informação daqueles que não sabiam escrever. Portanto, damos uma informação desconhecida até ser ativada como investigação científica. Damos habitualmente a vida dos outros, dos que nunca tiveram história. Esta é uma parte importante mesmo no mundo medieval, no mundo tardo-medieval vamos buscar informação a outro lado. As mulheres na cozinha não têm história escrita evidentemente. As comidas, os saberes etno-árqueológicos ou etnográficos não têm escrita, mas têm objetos, artefactos que depois, no fim de contas, nos dão uma informação absolutamente oposta a outra informação livreescrita dos textos, dos documentos escritos daqueles que sabem escrever. Claro, obviamente. Foi um pouco já por aí que por interesse, depois de um exílio de muitos anos, o voltar a Portugal, o voltar ao prazer de encontrar um território que me estava vedado durante quinze anos e isto também foi a alegria do regresso e é uma alegria que passa, por exemplo, pelos cheiros e pelos sabores. É o que acontece a um exilado. Fundamentalmente o que mais dói no exílio é os cheiros e os sabores que a gente não tem, que perdeu e que recupera ao voltar. Foi um pouco por aí também o regressar, a festa, o reencontro, o ver as pessoas o reencontrar outros espaços e principalmente participar naquilo que foi o 25 de Abril⁴ em Portugal. Quer dizer a grande mutação sociopolítica que estava a acontecer aqui neste país, no sul, na zona da esquerda. Por várias razões históricas aqui, na península ibérica, nas planícies feudais, senhoriais do sul obviamente tinham uma oposição

⁴ A Revolução de 25 de Abril, também conhecida como Revolução dos Cravos, ou Revolução de Abril, marcou o fim da ditadura salazarista.

dos camponeses muito mais politizada. Os partidos de esquerda estavam aqui no sul. E digamos a direita conservadora e ligada à igreja e aos poderes antigos estava no norte. Portugal estava claramente dividido entre um norte conservador e um sul mais progressista com projetos políticos mais interessantes. Não foi por acaso que desde a minha entrada na faculdade, a participação nos cursos, foram dez anos interessantes, dez anos de... a seguir ao 25 de Abril em que eu dei aulas, dei história de arte. Eu tinha feito Artes bizantinas lá no Oriente e vinha com uma certa carga informativa da estrutura do mundo visual da arquitetura, de técnica decorativas, de pinturas murais, etc.. do mundo bizantino que me tinha interessado até então.

T.V. Uma dúvida. A tua formação, colocando uma data, ela começa em que época exatamente, assim?

C.T. Eu fui muito jovem, porque estava em Belas Artes no Porto, estava a fazer escultura. Eu tenho a mania que tenho as mãos artistas. Gosto de desenhar, gosto de esculpir. Estava nas Belas Artes quando fui preso por razões óbvias naquela zona, eram lutas da minha geração. E a prisão cortou-me completamente a hipótese de poder continuar a estudar nas Belas Artes. Tive que fugir. Depois da fuga, a ida para o estrangeiro e perder o contacto com o país, etc. Tentei ainda no oriente da Europa prosseguir com a formação plástica, mas não era possível naquela altura. Ainda naquele leste europeu o realismo socialista era dominante, era perfeitamente inoperacional já para a minha formação e para o meu gosto na altura. Obviamente escolhi ao lado e fui para História de Arte. Havia um instituto em Bucareste, um instituto de história de arte interessante que havia uma velha escola naquela antiga Romênia, uma escola de estudos bizantinos com uns velhos e sábios antigos do século XIX que ainda mantinham a tradição do estudo bizantino e fui.

E havia uma certa autonomia até. Havia um instituto próprio só para história de arte e foi realmente uma escola de que gostei imenso, não só pela qualidade como pelo ambiente e principalmente porque era uma classe de professores intermédio entre o teórico e o prático. Ou seja, muitas vezes fomos par ao interior da Romênia, por exemplo, fazer estudos de pintura mural para ver tecnologicamente como é que era feita, que pigmentos eram usados. Tudo isso foi um aspecto muito interessante desses anos que estive ligado ao instituto de história de arte de Bucareste. Depois tentei fazer ainda uma formação quando vim para Paris, um doutoramento com um personagem de que também fiquei muito amigo que era o Grodecki⁵ que era o professor de medieval na Sorbonne, que era um personagem ele próprio exilado do leste europeu por outras ocasiões e umas certas identidades de análise e também porque eu, na altura, estava interessado em fazer um trabalho de doutoramento sobre arquitetura em madeira no leste europeu. Há ali uma mancha do sul da Polónia, da Checoslováquia e da Romênia do Norte, há ali uma mancha enorme de uma arquitetura extraordinária em madeira. E na altura ele me propôs de fazer um trabalho sobre a estrutura construtiva, técnicas construtivas e mesmo decorativas da madeira, da arquitetura em madeira dessa zona. E comecei a trabalhar com ele e foi um encontro e também um prazer encontrar aquele homem cheio de curiosidade que também gostaria de ter feito um trabalho como este e não tinha tido ocasião, porque a história de arte em Paris era mais sólida, mais ligada à pedra, ao gótico. Ninguém o deixou fazer um trabalho mais comum sobre estruturas de madeira. Portanto, foi isso que foi interrompido pelo 25 de Abril em Portugal. Este projeto acabou, fui-me despedido, voltei para Portugal e entrei

⁵ Louis Grodecki (1910-1982), foi um professor franco-polonês na Universidade Sorbonne e um dos maiores especialistas na história da arte medieval que explorava com rigor os dados arqueológicos em suas pesquisas historiográficas.

rapidamente na Faculdade de Letras em Lisboa por razões várias, até porque não havia ainda uma tradição. Não havia sequer um instituto de história de arte, havia umas cadeiras de história de arte, havia uma certa curiosidade e fui recebido imediatamente para começar a preparar um instituto, um centro formativo na história de arte na faculdade de Letras em Lisboa. Foi um período interessante. Foram dez anos de convulsão completa em que todo o professorado reacionário e conservador foi posto na rua, foi posto em casa a receber o salário, mas não vinham dar aulas.

T.V. Como é que era caracterizado esse período pré-25 de Abril aqui em Portugal? Artisticamente o que é que aconteceu nesse período?

C.T. Está a ver? Eu não estava cá. É um período que se conhece do passado, da sua evolução. Na altura, eu estava na Escola de Belas Artes do Porto que era a mais prestigiada do país na altura por várias razões. Era onde estavam os grandes mestres, na altura, estavam a dar aula lá e era uma escola excepcional. Estava relacionada, se quisermos, esteticamente com o Henry Moore digamos. Já estava nesta fase quando eu saí. Já o Henry Moore era uma espécie de deus criador e inspirador da nova escultura moderna. Depois perdi completamente o contacto, como é normal. O regresso era um mundo que eu vinha a encontrar tão convulsivo como eu próprio, estava tudo a pernas para o ar. Eu estava também a vir a encontrar uma coisa que não conhecia. Eu vim, ainda por cima, para Lisboa diretamente. E um mundo perfeitamente desconhecido. Nunca tinha vindo ao sul também. Foi como a própria geração que vinha a encontrar, os alunos e os amigos, estava a ver todo de novo, é construir de novo qualquer coisa diferente. É evidente que o regime anterior ao 25 de Abril era um regime que tinha vindo lentamente a degradar ele próprio, o fascismo e a direita do poder nos últimos anos tinham

vindo a degradar-se, quer dizer não tinham a violência nem a capacidade de resistência do início do meu tempo, em que a máquina repressiva era muito mais poderosa e, ainda por cima, como é normal, durou ainda mais vinte anos quase. Naquela altura, com o 25 de Abril, a questão estava ali que fazer-se por causa da guerra colonial. Principalmente, a guerra eram três frentes de batalha: Angola, Moçambique e Guiné-Bissau⁶. Uma guerra necessariamente a perder-se, porque era inevitável historicamente as colónias já estavam a ser desembargadas pela Inglaterra, pela França em toda a África e era só uma questão de tempo, porque não iam aguentar-se muito mais. Havia um proliferar naquela altura do 25 de Abril, um proliferar de grupos. O Partido Comunista, onde eu militava, ainda era o partido dominante até '68 mais ou menos. Em '78 muitos dos militantes, e nós também saímos do partido por causa da invasão da Checoslováquia, por razões evidentes. Foi um corte muito evidente sobre aquilo que a gente hoje ainda considero que foi liquidar-me completamente a hipótese de puder avançar e de puder criar uma outra sociedade baseada na estrutura clássica do marxismo-leninismo. Perdeu-se completamente o pé. E nessa altura vim a encontrar em Portugal o resto de um Partido Comunista muito poderoso ainda, porque estava longe, as notícias que vinham de Praga e que chegavam aqui eram ténues, muito frágeis e muito filtradas. Mas entretanto tinha proliferado uma enormidade de grupos políticos ligados ao maoísmo e tardo-maoísmo, grupos de todo o género. Foi neste embate na universidade, por exemplo, eu chegava a ter aulas em anfiteatros cheios por quatro ou cinco grupos políticos que se insultavam uns aos outros em plena aula. Grupos principalmente Maoista, principalmente, havia também alguns trotskistas muito bem organizados e uma maioria

⁶ As guerras coloniais portuguesas, ocorridas entre 1961 e 1974, colocaram frente a frente a metrópole portuguesa contra os movimentos de independência de suas colônias africanas.

sempre do partido comunista ou da juventude comunista. Foi neste ambiente todo que começamos também, eu nesta altura comecei também a militar num partido jovem, que era um partido que na altura era obviamente marxista, era um movimento de esquerda socialista parecido com o do Chile. Este era um grupo mais pequeno, mais intelectualizado, que era muito forte na universidade, no mundo intelectual e completamente vazio no resto do país, no mundo operário, camponês. Mas tinha um papel importante porque nesta altura a dominante militar era ainda forte. Os militares que tinham feito o 25 de Abril, era ainda forte na estrutura do poder. Nesta altura, então, foi a organização também pelo grupo interessante do MES⁷ que entretanto é um partido que depois acabou. Nós fechamos o partido numa festa de comes e bebes. Fechou. Foi um partido ótimo que fechou como deve ser. E depois viemos, então, organizar uma série de ações de acompanhamento do que estava a acontecer aqui no Alentejo. Como era uma zona de gigantesco latifúndio, havia os donos da terra eram meia dúzia, decadentes senhores que viviam já em Lisboa, já nem sequer aqui viviam. Havia os palácios mais ou menos abandonados onde eles vinham de férias no seu território imenso. Havia senhorios feudais onde tinham caminhos de ferro próprios dentro, enormes. Nesse mundo próprio, a massa trabalhadora estava concentrada em aglomerados muito concentrados do pequenos que é o típico da estrutura urbana do Alentejo. A superconcentração que é para ficar o campo livre dos senhores, porque as terras eram todas para trigo. Era trigo a dominante desde os anos mais longínquos.

⁷ O Movimento de Esquerda Socialista (MES) foi um partido português fundado em Fevereiro de 1975, logo após a Revolução dos Cravos, e que durou até 1997.

T.V. Era trigo principalmente para Portugal ou era também para exportação?

C.T. Era teoricamente autossustentável ou melhor para importar, era o nacional-fascismo que era tentar produzir tudo internamente. E era para se chegar a autossustentabilidade do pão, do trigo. E hoje como acontece em todas as grandes extensões agrícolas é para os interesses capitalistas que é para exportar, para ocupar, não é para alimentar as pessoas. Nesta altura, aquela massa de camponeses eram uns escravos da terra, ainda como se fosse em época medieval. Nunca tinham tido terra, não sabiam fazer mais nada se não plantar trigo e safar e mais nada. Não havia nenhuma tradição como por exemplo o camponês do norte que faz tudo e sabe fazer tudo. Aqui no sul não. Não havia.

T.V. E nenhum tipo de organização social?

C.T. Estavam todos angariados no Partido Comunista, claro, porque eram operários agrícolas. Ganhavam o seu salário e pronto. Estavam sempre juntos, iam em bandos organizados pelo senhor que os levava de camioneta, de tratores para aqui e para ali para fazer o trabalho das azeitonas e do trigo principalmente. Era um ambiente que foi explosivo. Acontece que rapidamente a grande e o mais importante facto político do 25 de Abril em Portugal foi a ocupação das terras no Alentejo, a ocupação. Os bandos de operários agrícolas ocuparam as terras dos senhores e eles foram postos fora. Já não viviam aqui, mas muitas das casas deles foram ocupadas. Houve, depois, um controlo e aí o partido comunista envolveu-se como estrutura de poder local e evitou destruições das casas dos senhores. Muitas destas casas ficaram intactas, porque houve um controlo político para evitar o

pegar fogo e o destruir as casas dos senhores, porque eles viviam em Lisboa. Nesta altura, foi a grande explosão e a gente expeliu-os todos para vocês⁸.

T.V. Ah, para o Brasil.

C.T. Foi tudo para o Brasil. Foi uma libertação para lá instalar todo aquilo que eram os grandes proprietários da terra do Alentejo e foram todos viver par ao Brasil. Era uma estrutura imensa de terras, de aldeamentos concentrados muito ricos em património arquitectónico: igrejas, casas, etc. E logo nas primeiras eleições, o poder local era todo comunista. Foi uma apropriação total, digamos, de mesmo do poder. Na primeira fase, o próprio exército que tinha tomado o poder veio ajudar os camponeses, quando houve lutas e guerrilhas - houve algumas, veio ajudar, veio dar poder à ocupação das terras, veio ajudar a ocupar as terras. Muito cedo começou não a ocupação, mas a reconstrução e a reconstrução de qualquer coisa. A reconstrução de uma nova sociedade. Claro. O tópico era outra coisa. E é aí que veio também o desejo de milhares de jovens como eu e outros, na altura, que vinham para o Alentejo dar uma mão, participar na festa da construção. É trabalhar com as primeiras autarquias, com as primeiras câmaras municipais, ajudar a criar mecanismos de sustentabilidade.

T.V. Então, o seu contacto com o Alentejo primeiro foi nesse tipo de atividade...

C.T. Era o meu aluno na faculdade de Letras em Lisboa que era o Serrão Martins, que foi o primeiro Presidente da Câmara eleito em Mértola

⁸ A maior parte dos conflitos sociais da Revolução Portuguesa foi protagonizado pelo operariado, sobretudo o operariado das grandes cidades industriais (Lisboa, Porto e Setúbal). Quando expropriados, alguns dos homens mais ricos de Portugal fugiram para o Brasil (VARELLA, R., p. 249).

e era meu aluno em Lisboa. Ele, nós fazíamos, na altura, os trabalhos académicos...eram trabalhos práticos sobre o local de origem do estudante. Ele vinha estudar, vinha fazer uma igreja, um levantamento, uma estrutura, um arquivo histórico e precisamente ele veio fazer o seu trabalho para mim sobre o arquivo histórico de Mértola. Era para saber se havia ou não havia arquivo, onde é que ele estava, se estava em boas condições, começar a fazer um relatório sobre o estado legível ou não do arquivo histórico que todas as pequenas vilas tinham. E assim começou e foi com ele que vim pela primeira vez a Mértola, nunca tinha vindo. Foi ele que me trouxe ver a sua terra, mostrar a sua terra e começar nessa altura, logo na primeira vinda aqui a Mértola ir ver as coisas. Ir ao castelo, levado pela mão do novo jovem presidente da câmara e no castelo - foi mesmo assim isto, viemos cá foi na primavera de '78 - junto à Torre de Menagem era uma zona que estava completamente abandonada e no chão havia pedaços de cerâmica e eu peguei um bocado da cerâmica e era um bocado de corda seca da época islâmica. E estava no chão. E aqui comecei a perguntar-me de onde é que isto vem e depois, com o próprio presidente da câmara, começamos a perguntar e uns miúdos disseram que havia lá um buraco e que a gente ia lá buscar. E naquele buraco que era a entrada - você já foi lá cima - ao criptopórtico e encima ao criptopórtico tinha uma abertura e estava completamente cheio. E daquele buraco saía uma figueira, uma árvore grande que saía do buraco, mas tinha um cantinho para onde os miúdos entravam rastejando. “A gente vai lá e tira de lá, de dentro.” Foi isso, este facto, assim, que logo me programei para no outono, daí a uns meses, porque com estes materiais - nós não tínhamos nada nos nossos museus, não havia coisa nenhuma do século XI, século XII.

T.V. Não tinha interesse em trabalhar com o islâmico? Qual era o interesse, assim, da pesquisa científica até aquela época? Porque o que chama mais a atenção é esse novo olhar para um material que existia...?

C.T. Não, não existia em abundância. Quer dizer o que havia em Portugal antes de Mértola de época islâmica. Havia vagamente uma ideia de que alguns castelos poderiam ter uma parte ou uma porção ou restos de época muçulmana, mas tudo muito vago, porque não havia nenhuma investigação arqueológica direta, nunca tinha havido nenhum interesse arqueológico direto. Nós estávamos numa fase - está a ver? a nossa história é feita pelos conquistadores que vêm do Norte que na historiografia clássica são libertadores porque vêm libertar o sul dos Mouros, dos que invadiram. Houve uma historiografia clássica que dá a invasão da península ibérica por uns árabes que atravessaram o estreito e que se instalaram e, depois, há a reação, a reação dos autóctones indígenas que depois, ao longo dos anos, se vão organizando para voltar a expulsar os invasores. É essa história de uma forma simples e eficaz que era contada na escola, dos heróis conquistadores, dos cavaleiros.

T.V. E o período islâmico como um período sombrio talvez, como um período sem grande...

C.T. Não é sombrio, é um período de pretexto para fazer os heróis. Porque nem sequer é sombrio, porque na tradição popular os Mouros são todos positivos. Aqui diz-se o que é antigo e bom e sólido é do tempo dos Mouros - a tradição popular, os camponeses e não só aqui no sul, em todo o norte e em toda a península. A tradição curiosamente e dessa época é uma tradição positiva, não só pela moura encantada. O que é a moura encantada? São mulheres muito bonitas que estão enterradas num buraco, cheias de beleza,

que surgem e vêm dar boa sorte. Nunca é mal. Nunca são associadas com o mal. Foi um período curioso. O sul da península era uma zona mediterrâника, era e é ainda. É o mediterrâneo que tem a ver com o desenvolvimento urbano das cidades, da estrutura viárias, da tradição mediterrâника. O norte atlântico para lá da serra da Estrela, para norte, para lá da zona serrana por cima, aquela zona toda é não urbana, uma zona rural, ruralizada, pobre, não havia cidades e, portanto, é uma zona feudal, de estrutura feudal europeia, de tradição que vem de Toulouse, todo o sul da França e que depois se prolonga até Santiago de Compostela. O norte da península, os caminhos são sempre horizontais, leste-oeste, oeste-leste, ligados a uma estrutura senhorial, de pequenos, de castelitos que são uma espécie de ninhos de águias para os senhores e a sua família. E à volta, o mundo que rodeia o castelo de pobres camponeses e esfomeados que são atacados até pelo próprio senhor quando quer ir buscar a mulher ou ir violar uma rapariguita. É o ataque às outras à volta. É uma zona hostil. Ele está metido no seu ninho de águia de onde sai só para ir fazer corridas, saques e, por exemplo, ir atacar o sul ou onde há cidades e riqueza acumulada. Aquilo que a gente hoje ouviu falar na nossa infância e área formativa, os cavaleiros que vêm do norte e vêm contra os Mouros do sul são grupos de bandidos armados que vêm roubar a cidade. Saquear a cidade. É a sua formação e a sua própria única forma de acumular riqueza. É roubá-la. Não produziam e roubavam na cidade. Esse mundo foi um mundo que começou a ser modificado, se quiseres, ideologicamente, primeiro com o 25 de Abril e depois na prática, como dizia há bocado, em que a arqueologia muda completamente. Nós tínhamos arqueologia aqui. Nunca tinha havido arqueologia medieval, mas também não havia em geral. Arqueologia medieval surge nos finais dos anos '70, mais ou menos, em toda a Europa curiosidades - no sul da França um pouco antes - mas aqui surge só depois do 25 de Abril.

T.V. Sim. Agora, na prática, Mértola como é que ela contribui nesse novo conhecimento sobre esse período? Que resultados permitiram aprofundar esse conhecimento e contestar a visão que era posta anteriormente? Quais são os resultados que você considera, assim, os mais relevantes nesses 35 anos de pesquisa?

C.T. É um processo longo, é um processo que vem desde o nada. Começamos aqui a trabalhar, nós fazíamos aulas durante todo o ano. As aulas eram várias. Eu dava aulas das mais variadas, histórias de arte da antiguidade, mas depois também sociologia de história de arte e várias outras cadeiras ligadas ao mundo visual. E, durante o ano, eu preparava a equipa que viria para Mértola e isto era visto como um prémio, o vir para aqui trabalhar à bruta, trabalhar no meio do calor mais brutal era o prémio. Coitadinhos! Explorados foram eles. Então, vinham nem festas. Então, não havia transportes. Eu tinha um jipe muito velho. A Faculdade de Letras tinha um outro que mal andava e nunca chegava cá inteiro, mas era uma aventura e um esforço vir de tão longe, porque não havia transporte, era péssimo. Aqui a Câmara Municipal tinha um único carro velho, uma carrinha velha velha que era o seu instrumento de trabalho, não havia mais nada nestes municípios. Porque os municípios de antes do 25 de Abril eram nomeados pelo governo. Era o presidente da câmara que era nomeado pelo estado central. Eram nomeados 4 ou 5 pessoas funcionários muito imponentes e importantes. Esta construção foi também esta o criar, o organizar o poder local foi também uma coisa fundamental nesta altura. Como é que se organiza um poder em contrapoder. Portanto, o local, o regional, juntar as pessoas e, depois, isso tudo com alegria, com festa, convívios, grandes reuniões em que se discutiam as questões básicas da zona. A participação destes grupos de estudantes foi também muito importante neste sentido, porque ninguém

vinha para aqui. Isto era o fim do mundo. Mesmo o fim do mundo. Aqui a vila velha, sabe como é que chamavam aquela zona ali em baixo junto ao museu islâmico, aquela zona, a ponta? Era a favela. Porque ali havia todos aqueles casarões grandes estavam cheios de famílias com muitos filhos, então, estavam ali, a gente chegava ali e era criança por tudo o lado, gente cheios da fome, uma massa da gente de criança. Era uma coisa hoje inimaginável. Era assim. E, depois, a gente entrava aqui na vila velha e - você nunca o teve - era o cheiro da miséria - você não sabe o que é isso. Era o cheiro do trapo, do trapo sujo que nunca foi lavado. Era aquilo que eram bandos de pobres que andavam de porta em porta a pedir para comer. Isso era aquilo que nós vínhamos encontrar. A pequena burguesia estava lá fora, fora da muralha, para lá. Não havia ainda a avenida nova. Havia aqui uma pequena mancha, aquilo chamado Rabal. O Rabal daqui tinha aqui as casas dos pequenos comerciantes, da pequenina burguesia, porque era a que havia. Dentro, as casas antigas já estavam abandonadas há muito. Estavam repartidas em famílias. Viviam lá dentro, várias casas dentro, o nosso centro de estudos islâmicos estava dividido em quatro ou cinco casas e com muita família lá dentro. Era um mundo completamente diferente.

T.V. Aí, nesse contexto, até retomando uma pergunta que eu tinha feito, nesse contexto que você tem uma questão relacionada à miséria na própria cidade, tem cientistas chegando e começando a trabalhar em campo, escavando, de alguma forma, esse contexto social influenciava a escolha de vocês do que é que vocês queriam pesquisar ou não? Como é que era definido o critério de uma escavação?

C.T. Pois, não é fácil. Não é fácil. Até porque estávamos em atividade política o dia todo, à noite nós, toda a equipa que vinha voluntária - porque

aqui ninguém recebia nada, não havia dinheiro para ninguém, nem eu nem ninguém, não havia dinheiro para pagar as pessoas - havia aqui um esquema que conseguimos desde o princípio que era uma senhora que ia lá abaixo para o antigo dispensário - era uma casinhota pequena que ainda lá está e hoje vivem lá duas famílias porque foi recuperada - era uma casa onde a gente entrava todos e nós dormíamos lá e tínhamos uma cozinha pequena e tinha duas salas maiores. Então, arranjamos aqui maneira de fazer beliche com três pisos, então, vivíamos todos. Habitualmente era um grupo de vinte e poucos. E vivíamos todos naquela casa ali metidos, em beliche e, claro, unissex todo misturado. Por isso, aquilo ainda hoje há aí malta que faz excursão àquela casa a dizer: "olha, meu filho, foste aqui feito!". Aquelas noites eram fantásticas! E na cozinha pequenina que havia, vinha uma senhora que nesta altura quem pagou ainda fomos nós com o dinheiro que eu trouxe da faculdade, mas depois rapidamente foi a Câmara que assumiu isso que era pagar a senhora que vinha lá fazer comida para todos nós. Ali se fazia a comida e ali se dormia. E à noite, que era a parte mais interessante desse período, quando vínhamos do trabalho a gente tinha só um pequeno quarto de banho. Íamos para o rio nadar e lavar e tirar o pó e a terra. E, depois, vínhamos todos para casa para comer. E, depois, à noite, mais fresca claro, tinha um pequeno terraço onde se comia e eram as grandes discussões políticas. E, então, iam para lá as pessoas da terra: o presidente da câmara, iam os políticos, os vereadores, os amigos, outros que levavam umas guitarras. E eram as grandes noites do debate dos problemas do mundo. Claro. A grande discussão. Eram grandes problemas. Foi um período muito importante deste debate que era o presidente da câmara, que tinha pertencido ao mesmo grupito político onde eu estava, mas para ser candidato aqui à Câmara tinha de se inscrever no Partido Comunista que

era dominante. Só podiam ser presidentes da câmara quem fosse afiliado. E, portanto, ele inscreveu-se no Partido Comunista e então toda a gente. Não havia mais nada, se não o Partido Comunista. Ninguém ousava sequer falar que havia qualquer oposição ao Partido Comunista, era impensável, muito menos de direita - que horror! -. Era o grande debate à noite, ali no dispensário. Principalmente eu era o grande interrogado, porque era a grande curiosidade: como é o comunismo no leste? Eu conhecia-o. Era a grande curiosidade: como é aquela sociedade, como é que funciona, como é que se fazia. Eram estes debates à noite muito curiosos em que se discutiam o futuro, o que é que se fazia ali numa dessas grandes fazendas dos grandes senhores da terra que tinham tido tudo. Como é que se ia fazer, guardar e não destruir, etc. E, depois, tudo era discutido do ponto de vista político: o desenvolvimento da região e todas as questões. Por exemplo, a câmara, ou melhor o espaço político do presidente da câmara, era no café central, era uma mesa em que estava toda a gente ali à volta a discutir com o presidente a ver o que queria, como é que ia fazer.

T.V. Isto ajudou a estabelecer algum critério de seleção do que vocês queriam escavar?

C.T. Nós, à partida, não havia nenhuma escolha possível. Era, a gente estava a escavar o criptopórtico.

T.V. Ah, foi tudo focado ali no criptopórtico.

C.T. Era gigantesco. Dali saíram praticamente o 60% dos nossos objetos que ainda hoje estão nos museus. Era uma lixeira. Dentro. Lá mesmo no fundo havia 18 esqueletos, mas eram diferentes, não eram enterrados,

foram lançados. Quando aquilo era cisterna e foi abandonada, portanto, aquele período anterior ainda ao Islão, século VI, do século VII. Foi nessa altura que foram ali lançados 18 homens e eram hipoteticamente homens de guerra.

T.V. Lançados literalmente, não havia...

C.T. Lançados, lançados. Alguns já iam mortos, outros lançados, outros morreram lá. Era uma espécie de prisão. Foram lançados. Depois, a gente não sabe que ainda havia alguns vivos, porque os vivos ainda organizaram os mortos, arrumaram-nos. Só por isso. A acrópole era cá encima, depois, mais tarde é que começamos também cá encima a abrir, mas foi daí que saiu 4 era um processo muito importante, porque ia muita gente da terra a ajudar. Muitos também já tinham ido para lá a fazer buracos, como os miúdos na altura. Outros já tinham ido com os pais deles à procura também. Havia um mito daquele buraco muito interessante. E havia também um rebentamento na muralha nesta altura, havia várias frentes para ir escavando lentamente. Foi muito cuidadosamente escavado felizmente, também todos nós aprendemos a metodologia devagar.

T.V. Tem uma questão interessante. Você vinha das artes e começa a trabalhar muito com arqueologia.

C.T. Nunca tinha pegado.

T.V. Nunca tinha pegado. Como é que foi esse contacto com o método de trabalho arqueológico. Você teve alguma inspiração?

C.T. Teoricamente. Eram teorias, eram várias normativas. Eu tinha participado numa escavação no Danúbio. Era um fortim bizantino. Eu estive

lá um verão a participar com a malta da universidade de Bucareste. Uma coisa pequenina em que eu participei muito pouco tempo. Foi a minha única participação em arqueologia antes de Mértola. Depois, aqui fomos ajudados - isso é fundamental dizer-se - pelo José Luís de Matos que era meu colega na Faculdade de Letras e ele já tinha escavado e ele é realmente pioneiro na investigação arqueológica do Islão em Portugal. Ele já tinha escavado e estava ainda a escavar Vila Moura, no Algarve, que é uma vila romana que foi ocupada em época islâmica. A gente ia limpar o que estava por cima do romano e o romano, como sabe, é sólido e aguenta. E ele teve bom senso de escavar lentamente e recolher a grande informação que estava por cima do estrato de época islâmica. Começou a haver e ele próprio estudou e se transformou num bom islamólogo como arqueólogo e, depois, ele esteve aqui connosco também para ver alguns dos paralelos que ele tinha em Vila Moura aqui no Algarve. Portanto, o José Luís de Matos foi muito importante aqui no arranque, aquele primeiro ano de arranque, e foi também com ele que nós aprendemos pequenas técnicas: a quadriculagem, as técnicas várias de estratigrafia, todas essas pequenas coisas e granes.

T.V. E a recepção dos colegas com esse início de um trabalho ligado ao Islão, como é que foi visto?

C.T. Nós estávamos muito longe e essa é a grande vantagem. E, depois, havia nesta altura estava tudo em convulsão - não podemos esquecer - as organizações de arqueólogos estava tudo pernas para o ar. As velhas organizações de arqueologia tinham morrido ou estavam a morrer, quer dizer havia aqui porque os dirigentes responsáveis da arqueologia antes do 25 de Abril estavam ligados ao regime - como é normal, a arqueologia era uma atividade patriótica.

T.V. Isso em Portugal como é que se dava na pesquisa, na hora de defender um projeto de pesquisa, era utilizado para fundamentar de que forma? O que aconteceu nos congressos de arqueologia ou na hora de entrega de um documento ou de uma pesquisa arqueológica em Portugal? Isso é uma coisa que me interessa.

C.T. Quer que... o problema é este: há o antes e o depois.

T.V. Sim, sim. claro que o antes você não estava aqui...

C.T. Mas eu sei.

T.V. E o que é que acontecia nos eventos e nos congressos?

C.T. Claro, claro. Nós... Por exemplo, um dos responsáveis... havia dois ou três grandes senhores da arqueologia portuguesa: um era o Afonso do Passo, era um militar; outro era informante da polícia política; o outro era desse género também. Pessoas com muito prestígio ligado ao poder central do país, com muito poder real e também com muito dinheiro. Eram três ou quatro ou cinco grandes personagens que detinham todo o poder. Quem tinha medo era o Dom Fernando de Almeida, um aristocrata, que foi talvez, entre nós, o primeiro que começou a trabalhar medieval. Ele começou a trabalhar na Linda a Velhaque era e é um sítio, uma cidadezinha pequena toda muralhada e que tem dentro uma estrutura enorme que era considerada uma basílica cristã. E que ele andou ali muitos anos a escavar aquela basílica, abrir e depois reconstruir. Foi um dos seus locais de privilégio. E construindo ideologicamente aquilo que seria uma das primeiras basílicas - não era paleocristã - cristãs. Ele fez a sua vida muito... Por exemplo, o José Luís de Matos foi aluno dele...foi criado pelo Dom Fernando e outros. Aquela geração que nós apanhamos ainda ativa tinham sido alunos formados pelo Dom Fernando na altura. E, depois, mais tarde eu viria até a fazer um artigo sobre

essa igreja precisamente a defender que teria sido uma mesquita. Mas isso foi muito mais tarde. Pela orientação e pela estrutura de um poema lindíssimo que havia nas ruínas. Foi uma mesquita, mas também uma mesquita pouco ortodoxa como acontecia nesta zona. É aqui mais a Norte, uma zona em que a ortodoxia mussulmana era pouco viável. Agora, outras... aquelas saladas que são lindíssimas, porque são misturas de influências. Mas esta história aqui foi e nunca deixou de ser, desde o princípio, projeto político que a pouco a pouco fomos todos, também a vinda dos voluntários, dos alunos, dos meus alunos que vinham da faculdade, também eram escolhidos em função deste projeto político, não era só científico.

T.V. Como assim?

C.T. Quer dizer, os meus alunos, os que eu trazia para cá para o período de férias e de voluntários, também eram escolhidos em função dos seus projetos políticos deles e da sua postura política perante a sociedade, não é afiliação, é a sua postura, aquilo que pretendiam fazer, e em função dos trabalhos que tinham feito, etc. Havia também uma escolha ideológica dos voluntários. E, depois, havia também uma formação. Nós fazíamos formação social. Isso fazíamos muito nas aulas antes de vir. Eles tinham de aprender a lidar com a população.

T.V. Isso é uma questão que eu vejo muito nos teus escritos, que é a questão da relação com a população, que vai desde como chegar à cidade a como se vestia até na própria cidade. De que forma isso influencia num projeto de pesquisa, pensando não num projeto meramente académico, mas de um projeto de inserção social, dentro daquela comunidade?

C.T. Porque... está a ver?... habitualmente a arqueologia era até então... era fora dos centros urbanos, ou era da pré-história ou era romano. E o romano habitualmente aquilo que é feito entre nós sempre são as vilas romanas. Nós praticamente não temos nenhuma escavação romana intramuros das cidades atuais, só muito recentemente. Porque estão debaixo das casas atuais. E a arqueologia que era feita, principalmente pré-históricas, é feita em zonas longe de qualquer habitabilidade atual, sempre por razões óbvias. E, aí a campanha arqueológica é um ato puramente científico: vai o grupo, vão os especialistas, vão os técnicos e fecham-se, vivem em barracas, fazem a sua vida científica completamente isolados do ambiente, do meio onde estão inseridos, porque não estão inseridos. Podem ir buscar ajudas, mas não estão inseridos. Ora, o fazer arqueologia urbana implica a estar em contacto todo o tempo com a população. Isso é que era a grande diferença. O intervir dentro de um povoado, estar inserido dentro da comunidade é preciso primeiro não surgir como colonizador, como o senhor que vem de fora, vestido de outra maneira, ocupando o espaço, impondo a sua presença, obrigando os outros a cumprir regras. Toda esta postura de autoridade é aquela que destrói para sempre. Às vezes, qualquer tipo de relacionamento entre os dois mundos, o mundo dos senhores das cidades com o mundo dos indígenas. Há uma certa curiosidade inicial a ver os meninos e as meninas, como é que elas são e depois ela desaparece e passa-se à normalidade, a ter ali uma série de intrusos no seu meio que faz a sua vida, que faz o seu convívio, que fazem as suas festas, que comem de outra maneira e que usam a população simplesmente para quadro fotográfico.

T.V. Uma questão também que eu presenciei aqui e eu acho que tem um pouco a ver com a tua postura política até que você destacou de um projeto que tem que ter um vínculo ativo quotidiano com a comunidade, é uma questão que você destacou logo também no início da conversa que é algo que te marcou, que é algo que geralmente os exilados sentem, que é uma questão da saudade que não é uma saudade metafórica, mas é uma saudade sensorial, que vai desde os cheiros ao barulho. E eu, claro, nunca passei por isso porque não fui exilado, mas mudei de Estado e eu acho que uma das coisas que me chamou a atenção é o cheiro e o barulho que existe na minha região. Eu acho que para alguém que é exilado deve ser muito mais forte. E essa é a questão. Eu vejo que aqui você tem um projeto com a comunidade desenvolvido com a equipe de arqueologia e educação patrimonial aqui, que é trabalho para dentro dos ossos, em que as crianças podem ter contacto próximo aos ossos, não há nenhuma recriminação contra tocar os objetos arqueológicos na cidade, eles podem ter uma experiência de toque mesmo, aqui. Você já tinha percebido isso? Porque isso não vejo em muito locais. Na maioria dos locais você tem uma experiência quase de higienização do sítio arqueológico que é muito bonito de ver. Na Inglaterra eles têm uns jardins bonitos e lindos em que ninguém pode andar encima. Mas que estranho! E aqui não. É uma visão completamente oposta disso.

C.T. Mas também você tem de ver isso também do outro ponto de vista e iria logo para Inglaterra. Coitadinhos! Eles têm realmente muito pouco e o que têm é o negativo, nem sequer é o positivo. Eles têm que ter mais cuidado. O Norte todo da Europa tem uma arqueologia muito mais do negativo do que do positivo... à procura das marcas do poste do que do próprio poste que já não pode lá estar. É um bocado diferente. Aqui é a tal quantidade, a

nossa riqueza a partir de Coimbra para baixo é a tal riqueza, a solidez e a quantidade impressionante. Como aqui à volta, a gente sai aqui e o saber olhar a paisagem, a gente já percebe que ali há um povoado, lá há outro povoado, porque, por exemplo, são pequenos indícios, como um conjunto de oliveiras. Assim, nem é preciso ir lá porque já se sabe que há ali um assentamento humano que habitualmente não tem limite. Vem desde quase o paleolítico, ou desde o neolítico pelo menos. E naquele sítio, porque não há outro. E a gente vai um pouquinho ali no vale. Nós fazemos prospecção arqueológica, por exemplo, aqui nós já estamos muito perto do Sahara, à procura de um poço de água. Se há um posto de água que a gente recolheu e sabe e aquele ali nunca seca, não é preciso lá ir. Já sabemos que há ali um assentamento não junto do poço, nunca junto do poço, porque junto do poço é a melhor terra, mas encima, nas imediações, nos pontos dominantes, estão assentamentos humanos desde sempre porque há ali um poço que nunca seca, de água. São questões que já esta topografagem, esta compreensão do terreno, o que há como espécie, o que é que foi plantado, o que é que não foi plantado já nos dão a informação perfeitamente clara e definitiva sobre aquilo que andamos à procura. E nós, por exemplo, paramos... pelo menos você falou com a Tucha.

T.V. Com a Tucha?

C.T. Está naquela mesinha à entrada. Ela agora é que está a fazer a publicação do levantamento arqueológico da zona.

T.V. Sim.

C.T. Agora vai sair a publicação. Nós aqui também evitamos a publicação, a divulgação de um livro sobre o sítio arqueológico por causa do roubo, por causa dos detetores de metais.

T.V. Isso tem muito em Portugal.

C.T. Começa a andar em quantidades enormes.

T.V. Mas já aconteceu? Já?

C.T. Sempre. Mas como é proibido, ninguém sabe. Posso ser preso, confiscado. E... mas é terrível, porque destroem numa noite completamente.

T.V. Os caçadores de tesouros. Isso a gente passa também lá. E na região de fronteira fica mais perigos ainda.

C.T. Eu li. Pois. A gente aí, ao localizarmos, ao topografarmos, ao cartografarmos a informação arqueológica, a gente está a dar de mão beijada toda a informação. E até agora a gente tem sempre feito publicações parciais, mas agora há maior controlo, há também uma certa maneira de autocontrolo, começa a haver... o ver destruído um sítio arqueológico hoje já dá um certo mal-estar. Não é como era o herói, o descobridor, que se sentia como arqueólogo porque encontrou. Já não é esse o caso neste momento. Há já uma outra formação, a passagem escolar, a informação geral, a pessoa já tem mais respeito e tem receio e também sabe que não ganha muita coisa, porque vai apanhar moeditas metálicas pouco interessantes, não há um mercado, não vai apanhar um tesouro de outro, não vai. São questões que toda a gente agora também já está a ver e a sentir necessidade de cartografar os sítios mais por causa do que está a suceder na paisagem. É a questão das grandes plantações. O eucalipto aqui já não vai haver, está proibido felizmente. Foi uma vitória nossa. Chegamos aqui a prender-nos às máquinas. Fomos ali prender todos. Tipo com correntes.

T.V. Isso no campo ou mais aqui próximo?

C.T. Aqui a uns 15 quilómetros daqui. Houve uma altura que foi a moda que era eucaliptar tudo. Depois, foi possível controlar. Foi na altura que eu era diretor do parque, então, era obrigatório eu dar um parecer técnico. E, então, o que é que eu fazia? Os meus pareceres assentavam naquilo que lhe disse há pouco. Todos os servicinhos sem ir lá assinalávamos: ali não dá, ali não dá. Ficava tudo furado. E eles já não tinham rentabilidade. Não lhe era rentável estar tudo furado por um espaço que não podiam entrar a direito com o trator.

T.V. E essas eram áreas com um potencial?

C.T. Possível potencial. Isso bastava o nosso parecer e ali não... mesmo sem ir lá.

T.V. Pelo menos esta é a finalidade de qualquer carta arqueológica.

São áreas conhecidas e áreas a conhecer com grande potencial.

C.T. E que criam certa proteção mesmo sem nada num sítio, mas cartografando já é um aviso para a plantação e principalmente para a passagem de máquinas. Porque hoje as gigantescas máquinas de arrasto destroem tudo. Qualquer um normal agora vai à direita, aquilo desaparece e não fica nada. E habitualmente essas protuberâncias na paisagem são muito importantes, porque, as vezes, tem pouca coisa, mas é qualquer coisa interessante que pode estar ali porque é uma zona dominante da paisagem ali... tem uma pequena torre e tem sempre alguma coisa ali fundamental que é preciso salvaguardar.

T.V. Agora, conduzindo a entrevista no final para não ficar aqui uma eternidade, nessa relação que vocês desenvolveram com a comunidade vocês têm que ter uma afinidade muito forte aqui no município com a política local de desenvolvimento de um quotidiano de gestão e entra numa óptica, num desafio, na verdade, reconhecer como é que se dá a política numa região específica de Portugal. Nesses últimos anos como é que tem sido essa relação política vinculada ao município de Mértola e como é que você acredita que uma política arqueológica deve estar vinculada numa prática de desenvolvimento do próprio município?

C.T. Está a ver? Aqui é um caso que não é comum, pela simples razão de que nós, desde o princípio, desde 1985 que eu vim viver para cá, já há muito tempo. E não só eu. Começou a vir gente da equipa a fixar-se. Desde a novidade que era a parte festiva da campanha arqueológica, que era aquilo que acontecia no verão. Vinha-se depois das aulas, depois dos exames, em vez de se ir para a praia, vinha-se para aqui. E era isso que era não só reconhecido como admirado pelos habitantes. Por que é que estes em vez de ir para a praia vêm para aqui, para esta fornalha? É um dos pontos mais quentes do país. E a partir de junho começa a fazer um calor insuportável.

T.V. Chega a quantos graus aqui mesmo?

C.T. Sempre acima dos 30. E vai até aos 40 e mais até... é uma coisa brutal. E estávamos numa situação de grande admiração pela população, porque viam pessoas que se sacrificavam para vir aqui para a terra delas sem ganhar nada, sem estar a tirar qualquer benefício que não seja o benefício científico, e estar aqui durante dois ou três meses a trabalhar. Isso era o normal não só aqui como em todos os sítios arqueológicos, porque a pessoa que vai e está a trabalhar. Por exemplo, eu andei também, durante uns tempos,

aqui num castelo, único sítio onde estive no Alentejo também a aplicar um projeto, que é o castelo de Noudar aqui na fronteira, que é um castelo muito interessante, aqui a 100 quilómetros. E também era um projeto político ligado ao desenvolvimento local. Durante dois ou três anos, fizemos lá algumas campanhas e foi interessante porque ninguém ia a um sítio ao fim de mundo lá em cima da fronteira e foi bom e é ainda hoje uma pequena vila que tem orgulho do seu castelo. E, depois, por várias razões, e eu passei este projeto a outra malta mais nova e aquilo foi falhando por várias razões. Mas aqui este facto inicial da novidade dos senhores que vêm de fora, que se fixam e que estão aqui durante dois ou três meses, isso acabou rapidamente, porque começamos logo desde o princípio, mesmo que eu voltasse, porque estava ainda na faculdade e tinha de ir lá para dar aulas, mas comecei a deixar ficar gente. Começaram a ficar cá a trabalhar e a ir fazendo. Qual é que foi o pretexto, o primeiro? Por exemplo, nós começamos a trabalhar a arte sacra, porque não era uma questão que fosse para mim fundamental, mas é o gesto político. Estar só à procura do passado islâmico e depois estar a assistir aqui numa zona onde começou a haver problemas com as igrejas. Roubo de algumas peças de altar. E, então, ainda com o primeiro presidente da câmara, ainda com o Serrão Martins⁹, porque ele depois morreu num desastre de carros e foi um drama, fomos aí correr todo o concelho, todas as igrejas, uma a uma, a fazer a escolha das peças de arte sacra que não estavam a culto, que estavam nas sacristias já fora de serviço. Começar a juntar, fizemos uma reunião em todas estas aldeias com a população. O presidente da câmara juntava a população toda junto da igreja e explicávamos o que estávamos a fazer. Fazia-se uma espécie de comício, *meeting* grande e se explicava

⁹ Serrão Martins (1944-1982), intelectual e político português, foi uma das figuras centrais na luta pela valorização da cultura alentejana.

a questão da arte sacra e a importância da arte sacra como património da comunidade e, depois, começamos a preparar - e foi esse o primeiro museu - e a trazer para Mértola as peças que estavam em mau estado. Você não viu ainda, porque está fechado. É a Igreja da Misericórdia que é o museu de arte sacra.

T.V. Sim, eu passei por ela, mas não dá para entrar.

C.T. É. Está fechado ainda, porque anda em obras. E, então, começamos a juntar, porque as pessoas não queriam deixar sair as peças de arte sacra da sua aldeia. Mas, como era para Mértola, deixavam. Se fosse para Lisboa, nem pensar, porque nunca mais as viam. E a gente arranjou a Igreja da Misericórdia, fez um primeiro arranjo e começou ali ajuntar as peças todas, para as pessoas poderem vir cá ver que estão ali e que não foram para Lisboa. E juntamos 40 e tal peças estatuárias muito interessantes de arte popular. A maioria são do XVIII, há algumas do XVI e vai até ao XIX. E, como era o meu mundo da arte sacra e de história de arte, havia uma certa participação e conhecimento do que estava a fazer. E, então, depois, com esse conjunto de peças que ali juntamos na igreja a gente tinha que fazer qualquer coisa. Uma minha amiga, na altura, já nem me recordo porquê, de Paris, ela era restauradora no Louvre, restauradora de pintura sobre madeira.

T.V. Qual é o nome dela?

C.T. Já te digo. Monique. Coitadinha da Monique, já morreu. Então, pedi-lhe: «anda cá a ajudar-nos a preparar aqui um projeto sobre escultura». Pronto. E ela veio e foi fantástico. Ela trouxe uma amiga dela especialista em metais e, então, formamos aqui uma escola que estava a funcionar enquanto a gente dava aulas em Lisboa. Então, começou aqui a juntar indígenas, a Lígia

participou ai, a Guilhermina, depois eram mais duas ou três. Um grupo de jovens que foram aprender com a Monique lá para baixo e fazer um trabalho que era na altura só feito em Portugal num Instituto José de Figueiredo em Lisboa e era um trabalho super-super-especializado. Só iam para lá as peças mais raras e depois estavam lá - sabes como é que é - anos, anos. E eram coisas incomparavelmente impossível de chegar. Então, a Monique, que era uma mocinha fantástica, inteligente, começou a fazer um curso de preparação em que não lhe chamou restauro inteligentemente, chamou-lhe estabilização. Porque são operações primárias, simples de fixação da policromia à madeira. Estava tudo aqui a saltar. A pintura antiga com a vida da própria madeira que estica e encolhe e a policromia estava a saltar toda. E, então, ela ensinou a elas e a nós, que participávamos alegremente neste curso da Monique, como é que se pode fixar sem dinheiro, baratinho, seguro e para sempre. Era com cera de abelha. Coisa mais simples do mundo. Só se compraram umas espatulazinhas elétricas que aqueciam. Pôr cêra e depois derreter com cuidado para não estragar a pintura. Toda aquela policromia do século XVIII principalmente, que estava toda a escamar, meter tudo era entre a policromia e a madeira. E, depois, claro, com a espátula elétrica, depois fica bem. Há de ir ver lá abaixo. as peças estão lindíssimas, estabilizadas completamente. Começamos a ter aqui também, sem qualquer gasto para ninguém. Coitadinhas, só lhe davam comida à Monique, alojamento e comida, muito trabalhou, mas com a vontade e o prazer... tenho muita pena, porque depois morreu uma merdas de doenças, sei lá. Mas foi fundamental o seu entusiasmo, a sua vontade e o seu saber, porque era uma super-técnica altamente qualificada e que estava aqui no fim do mundo a dormir lá num beliche, enfim... Mas foi... É isso que era as pessoas que sentiam o prazer de estar, que vinham dispostas a tudo para dar uma mão. E esse caso da

Monique foi um caso excepcional. Ah, e essas mocinhas começaram a ter primeiro um curso, depois era não sei o quê e sei que foi possível começarem a ser pagas muito cedo para não se irem embora, porque passaram a ser elas próprias altamente especializadas e a ser requisitadas pelos cabrões dos museus. E elas próprias se foram segurando e foram fixando e aqui passou a ser uma escola importante, porque depois vinha mais gente, vinha a aprender connosco.

T.V. Mas isso eram vocês aqui do centro de arqueologia ou era o próprio município?

C.T. Não, éramos nós. Éramos os mesmo. E era essa a vantagem. Nessa altura, o município não tinha muitas condições, tínhamos o presidente que era nosso amigo total e absoluto. Ele estava sempre ao lado a participar, a escava, a levar baldes, a participar nos trabalhos de restauro, estava lá sempre a ver atento, era um homem fora de série. Um serrão.

T.V. Atualmente vocês conseguiram formar uma equipe considerável, muito boa, bem qualificada.

C.T. Mas não é nada do que era já, porque obviamente tem-se modificado. São 35 anos. E principalmente as raparigas casam-se. Que horror! São elas que vão atrás do marido, não é o contrário. Claro que muitas delas encontravam-se aqui com os futuros maridos que também vinham voluntários, porque o estudante universitário depois ia trabalhar com o professor. Claro, todos. Era o único trabalho possível... iam dar aulas a qualquer parte do país. E lá ia a mulher atrás.

T.V. Tirando esses que ainda não casaram, atualmente são quantos aqui atuando com você?

C.T. Conosco a nossa equipa atualmente é de 16 pessoas de muito bons técnicos. Mas além disso temos um grupo, que é o chamado “grupo forte” da equipa, porque nós temos oito doutorados dentro da equipa, mas não estão todos cá. E, depois, começou a vir gente mais pesada. Sei lá. O José Mattoso¹⁰ vem para cá e compra aqui uma casa, uma terrinha e fixa-se aqui. Começa-se a receber monstros. E depois outros que vêm e querem fixar-se. Veio o Borges Coelho¹¹ que é outro grande historiador português também, estava sempre aqui caído. E eles, ainda hoje, por exemplo, o José Mattoso ainda hoje faz parte da nossa equipa oficialmente. É uma mais valia, se quiseres, científica da nossa equipa.

T.V. É uma massa crítica enorme.

C.T. Muito boa. Uma equipa fantástica. Mas o principal é realmente a malta nova que vem e que, infelizmente, ultimamente tem sido... porque a gente capta-os com projetos. Faz-se um projeto e depois mete gente nova.

T.V. Um projeto guarda-chuva.

C.T. Que os compromete. Eles passam a fazer parte da equipa, muitas vezes não estão aqui e estão noutro local. E, depois, pouco a pouco fomos alargando também por causa do prestígio que foi subindo. E a gente começou a participar e a incluir na equipa as universidades. Por exemplo, Évora.

¹⁰ José João da Conceição Gonçalves Mattoso (1933-) é um historiador medievalista português. Nos anos 1990, doou sua importante biblioteca e uma propriedade para o Centro Arqueológico de Mértola.

¹¹ António Borges Coelho (1928-), historiador catedrático da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, possui uma longa trajetória de pesquisa no campo historiográfico. Muito conhecido também por sua atuação política antifascista.

Évora, a certa altura, faz-me Doutor *honoris causa* e isto criou uma ponte institucional à universidade. Depois, muitos dos professores de Évora foram meus alunos. Foram dez alunos que me passaram pelas mãos milhares de jovens ótimos que hoje são professores em várias universidades. Portanto, há uma rede e há solidariedades muito fortes que se vêm mantendo. E a gente hoje trabalha com várias universidades não com acordo institucionais, com reitoria ou coisas do género, e sim com professores. A gente tem um projeto. O que interessa é que aquele que é professor em Lisboa participe e, então a gente convida-o. Ele faz parte da nossa equipa desse projeto, embora esteja a dar aulas em Coimbra ou em Faro ou em Granada ou aqui em Évora. São aquelas com quem temos relações diretas muito fortes. Assim fomos alargando. E, por outro lado, começou também a haver, como era o grande único centro de investigação em arqueologia islâmica, todo o país e não só - também da zona da Andaluzia - começou a haver jovens e pessoas interessados em contactar-nos em trabalhar conosco, também estavam a apanhar níveis islâmicos. Isso também nos permitiu abrir mais a outros locais sem participar diretamente.

T.V. Mas em contacto, além da Europa, com a África, vocês se metem em contacto?

C.T. Mas isso agora... entretanto, fomos tendo contacto com Marrocos. Já não me recordo bem como principiou. Ah, já sei. Fomos fazer uma grande exposição de Mértola a Rabat. Levamos uma grande exposição sobre arte islâmica portuguesa a Rabat que foi uma novidade. Era em Marrocos e nem sabia bem onde é que é essa história de Portugal e, por outro lado, a arte islâmica que eles não têm, porque no norte da África não há nada islâmico. Foi todo apagado em arqueologia. Têm islâmico do XIV, do XV, do XVI, do

antigo não têm nada. Em todo o Marrocos há uma única mesquita almóada e uma torre aqui e um pedaço acolá, mas não há um único fragmento de cerâmica em Marrocos nos museus, porque os museus é só romano. Esta curiosidade, depois vieram...

T.V. Mas isso foi mais pelo interesse de pesquisa de pesquisadores europeus que iam para lá.

C.T. Eram franceses. Faziam... aquilo eram colónias, iam provar que aquilo era a França. O impacto que era Islão para chegar perto do romano e o romano é a Europa, é a França. Todos os museus e não é só em Marrocos. É na Argélia, na Tunísia, na Líbia, aquilo é só romano. Uma monumentalidade impressionante. E todo o Islão que estava por cima foi limpo, não ficou nada. Agora, às vezes, está a aparecer em caixotes. Por exemplo, em Marrocos têm uns depósitos em que têm cheios de cerâmica almóada, claro porque estava por cima. Mas ninguém estudou, ninguém sabe o que é, não interessa. Queria dizer que começaram a vir quando se criou o INSAP¹² que é o Instituto de Arqueologia Marroquina. Foi a primeira geração que veio cá a trabalhar connosco e estiveram cá durante 4 ou 5 anos, vinham todos os anos e aqui aprenderam a manusear, a ver, a conhecer a cerâmica islâmica medieval. E essa malta toda, depois, foi a primeira geração dos museus marroquinos. Ainda hoje estão hoje, infelizmente, nunca mais fizeram arqueologia e agora estão diretores de museus, coisas burocráticas infelizmente. Mas há gente interessante dessa geração. Ainda há uma que há pouco tempo esteve a trabalhar, esteve a, gostava de escavar ou queria escavar a mesquita de Fés, mas não sei se ele chegou a fazer. Isto foi a primeira leva importante de

¹² O Instituto Nacional das Ciências de Arqueologia e Patrimônio do Marrocos (INSAP) tem como principais missões a pesquisa, a formação contínua e a difusão do conhecimento.

contactos com o Norte de África, entretanto, a coisa esfriou e nós também não tivemos capacidade. As vezes a gente vai lá e eles vêm a congressos esporadicamente. Agora é que estamos a abrir, mais uma vez, uma frente e é mais uma vez uma frente política. Também, de certa maneira, contradizendo as vontades da Senhora Merkel¹³ para abrir ao Sul. Eles estão-nos a liquidar, a acabar com estes países do Sul: a Grécia, a Itália, a Espanha, Portugal, etc. Estamos a entrar todos a afundar. O capitalismo feroz do neoliberalismo que até agora domina a Europa estes tipos de países não interessam, não são rentáveis. Neste momento, mais uma vez, também através da história e da arqueologia, nós estamos a olhar para o Mediterrâneo, começamos a abrir as portas para o Sul e tem que ser através da história e da arqueologia. É a grande abertura para o Sul. É aí que somos ricos. Eles são pobres os infelizes lá do Norte. E nós somos ricos.

T.V. Então, numa perspetiva política, mais uma vez...

C.T. Agora estamos a abrir, estamos a entrar em contacto, a organizar encontros. E agora várias tentativas outra vez em Marrocos. Aquilo não está bem. Está a anteceder convulsões. Aquilo é um regime de extrema direita, o rei e aquela aristocracia que tem uma vida fastuosa e tudo começa a rosnar, como é normal. Aqueles palácios, aquelas famílias reais são coisas inacreditáveis. Aquilo um destes dias estoira. A Argélia está a melhorar, porque já passou aquelas burrices que eles fizeram estúpidas que meteram aquela porcaria daquele fundamentalismo e alimentaram-no. E agora está a melhorar, embora ainda não está completo. Nós começamos também a trabalhar com a Argélia, temos relações antigas.

¹³ Angela Dorothea Merkel (1954-), ex-chanceler alemã (2005-2021).

T.V. E eles recebem bem?

C.T. Sempre. O meu pai esteve refugiado na Argélia durante anos e ele ali recolheu e abrigou uma parte importante da nossa oposição durante o fascismo. Tínhamos lá uma rádio importante. Foi uma época importante.

T.V. Tem uma historiadora brasileira (Emília Viotti¹⁴) que destaca a questão do tempo de mudança na história. Ela fez uma análise do período colonial, das plantações do café no Brasil e ela fez um estudo¹⁵ também sobre a revolta escrava em Demerara¹⁶, na Guiana Inglesa. Nesta obra ela destaca que todo o tempo é tempo de mudança, mas tem tempos que conglomeram uma quantidade incrível de mudanças que são momentos de crise. Deste ponto de vista, pelo que eu pude notar, você enxergue mesmo esse momento de crise com um aumento em que o próprio conhecimento arqueológico nacional pode encontrar uma característica favorável.

C.T. E não só. Não só a nossa arma identificadora, que nos dá e nos permite dar força à nossa própria identidade como população e como zona e também o futuro para o próprio desenvolvimento. Porque isto está num desenvolvimento que vai passar por um turismo cultural, por um turismo arqueológico, por um turismo de património construído que vai ser, de certa forma, aquilo que vão procurar aqui em baixo no sul. Não é só o solo. Em princípio, já está a criar e a reorganizar uma rede diferente de questões

¹⁴ Emília Viotti da Costa (1928-2017), historiadora brasileira especialista nos estudos sobre escravidão, Brasil Colônia e Brasil Império.

¹⁵ COSTA, Emília Viotti da. *Coroas de glória, lágrimas de sangue*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

¹⁶ Uma das maiores revoltas escravas nas Américas, envolvendo entre 11 mil e 13 mil escravizados, ocorreu em Demerara, região da ex-Guiana Inglesa, conhecida hoje como República da Guiana.

ligadas ao fenómeno cultural e em que indubitavelmente o futuro o fenómeno cultural vai ser o grande fenómeno do futuro de desenvolvimento. Não é o milho. Porque é uma coisa que está e quem tem hoje esse peso histórico, esse peso arqueológico, esse peso patrimonial maior somos obviamente os mais pobres cá debaixo.

T.V. Ok. Acho que é isso, Cláudio. Acho que está bom já. Quero agradecer pela entrevista e eu vou preparar depois a decriptação da conversa e te passo uma cópia, ok? Muito obrigado.

C.T. Eu dou-lhe aqui uma coisa que saiu há pouco uma entrevista que talvez possa ser útil.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, António de. *Correspondência enviada por António de Almeida ao Presidente da Juntas Missões Geográficas e de Investigação do Ultramar, em 22 de Agosto de 1974*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical, Departamento de Ciências Humanas, Espólio das Missões Antropológicas, Processo 255, 1974.
- ALMEIDA, António de. *Correspondência enviada por António de Almeida ao Director do Centro de Estudos de Antropobiologia, em 28 de Agosto de 1973*. Lisboa: Instituto de Investigação Científica Tropical, Departamento de Ciências Humanas, Espólio das Missões Antropológicas, Processo 255, 1973.
- ALMEIDA, António; FRANÇA, J. Camarate. Recintos Muralhados de Angola in: *Estudos Sobre Pré-História do Ultramar Português*, Nº 16. Lisboa: Memórias da Junta de Investigações do Ultramar, 1960.
- FABIÃO, Carlos. Um Século de Arqueologia em Portugal, *Al-Madan*, II série (8), 1999.
- MACIAS, Santiago; TORRES, Cláudio. *Museu de Mértola – Arte islâmica*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, 2001.

- MARTÍNEZ, Suzana Gómez. Mértola, Vila Museu. “Un proyecto cultural de desarrollo local”. In: NOGUÉS, Antonio Miguel (Coord.). *Cultura y Turismo*. Signatura Demos, 2003.
- PALMA, Maria de Fátima (Coord.). *Carta arqueológica do concelho de Mértola*. Mértola: Campo Arqueológico de Mértola, D.L., 2012.
- TORRES, Cláudio. Memória comunitária. Espaço cultural. Xelb9: *Actas do 6º Encontro de Arqueologia do Algarve*, p. 13-18, 2009.
- TORRES, Cláudio. A arqueologia, o território e o desenvolvimento local. Seminário: efeitos especiais do patrimônio à escala local. *Seminário Efeitos sociais do património à escala local (Caderno de Resumos)*, Mértola, 27 a 28 de Abril de 2001.
- VARELLA, Raquel. *Breve História da Europa: da Grande Guerra aos nossos dias*. Lisboa: Editora Bertrand, 2018.